

a escola hoje

currículos e programas escolares

As formas de avaliação propostas por este currículo tratam todos os alunos de maneira *uniforme*, o que de maneira alguma trata-se de uma atitude democrática. Sobre este “mundo uniforme”, das escolas, esclarece Harper (1980):

Onde todos são tratados da mesma maneira, que não leva em conta as diferenças em que todos deveriam ter o mesmo ritmo de trabalho, tudo ao mesmo tempo. Todos deveriam ser iguais. Não são levados em conta as diferenças nas condições materiais de vida, [...] de cultura, [...] nas experiências adquiridas fora da sala de aula, [...] das atitudes dos pais em relação à escola.

Sabe-se que desempenham papel decisivo nos resultados obtidos pelos alunos seu local de residência, o tipo de sua família, o meio ambiente, o tempo de que dispõem os pais para ajudá-los nos estudos, dentre outros. Entretanto, a escola não deveria usar estes fatores para justificar aquilo que considera “fracasso escolar”, e sim usar a sua estrutura para amenizar estas diferenças e tornar o estudo e a educação acessíveis a todos.

A “cultura” da escola tradicional é a “cultura” das classes mais abastadas, baseada em seus costumes, modos de vida e de linguagem. As crianças deste meio estão acostumadas com os livros, a palavra escrita, jornais e revistas - elementos com os quais geralmente a criança mais pobre teve pouco contato até chegar na escola. O conteúdo escolar também absorve melhor as experiências de vida dos grupos mais ricos, com suas viagens, passeios, valores.

Ao inverso, as crianças dos meios populares sentem grande estranheza diante da linguagem, normas e valores da escola, que são totalmente diferentes daquelas a que são habituadas. Elas se sentirão ainda mais inferiorizadas pelo fato de não poderem trazer para a escola sua maneira de falar e sua experiência na família e no bairro menos favorecido. Elas se sentirão perdidas diante da falta de sentido e utilidade imediata dos exercícios escolares, confusas pelo lado artificial das situações vividas na sala de aula. (HARPER, 1980)

O modo mais seguro de se corromper um jovem é instruí-lo a manter uma estima mais alta por aqueles que pensam como ele do que por aqueles que pensam diferente.

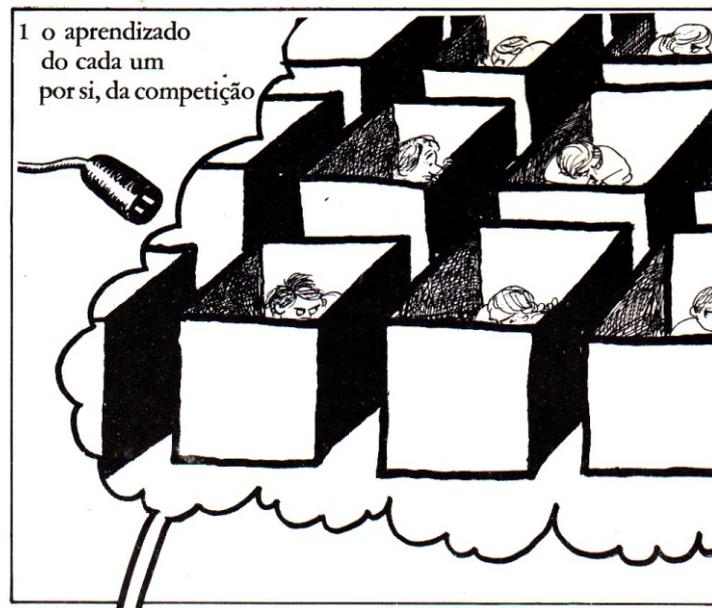
Nietzsche

a escola hoje

currículos e programas escolares

A escola criada nestes moldes gera um mundo de comunicação artificial, onde não há diálogo, são criados problemas que não existem e quem pergunta (professor) já sabe as respostas. Além disso, são impostos meios de punição e castigo e em geral são aceitos apenas um modo de se falar, se de expressar, apenas uma resposta correta para cada pergunta. Este tipo de comportamento faz com que os alunos acostumem-se a aceitar uma “ordem estabelecida”, sem questioná-la, e a tornarem-se submissos e interiorizarem o sentimento de inferioridade. Além disso, os modos de avaliação comumente utilizados (provas em grande quantidade, conteúdos distanciados da realidade, com notas mínimas a serem tiradas) consistem em uma verdadeira “corrida de obstáculos”, cheia de armadilhas para os alunos. O processo educativo, que deveria servir para equiparar os conhecimentos de todos configurou-se em uma “lei das selvas”, à qual sobrevivem apenas os mais fortes.

É apenas reconhecido o desempenho e o sucesso individual, de maneira competitiva em detrimento aos esforços em equipe, a ajuda mútua e a solidariedade, que constituem as verdadeiras bases de uma sociedade bem estruturada.



Fonte: Cuidado, escola!

a escola hoje

o tempo escolar

Com a espacialização do ambiente escolar e com a institucionalização do sistema de ensino estabeleceram-se, também, horários definidos para que a função educativa acontecesse. Os currículos e programas, já com as matérias separadas individualmente, são trabalhados em unidades de tempo e com horários definidos, interrompidos pelo som de uma campainha que faz com que a criança pare de pensar o que estava pensando e passe a pensar o que o programa diz que ela deve pensar a partir de então. A escola reproduz a organização do tempo advinda da organização fabril da sociedade (ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS - ORIENTAÇÕES GERAIS, 2004).

Começa o tempo do relógio que introduz um tempo linear, abstrato, diferente dos ritmos cíclicos, cósmicos e biológicos.

(ARIES¹¹, 1981 apud KRETZ in STRECK, 1996.)

O tempo escolar como apresenta-se hoje é imagem do currículo vigente, que fragmenta realidade, espaços concretos e espaços vividos, que se direciona para a transmissão de conteúdos específicos, organizados em tempos rígidos e atuações (tanto dos alunos, quanto dos professores) solitárias. Além disso, essa divisão do tempo ajuda a criar a idéia de “tempo de aprendizado” como sendo apenas aquele se passa dentro da sala de aula, do ambiente escolar, enquanto o conceito de educação básica abrange muito mais áreas do que única e exclusivamente a escola.

¹¹ ARIES, P., *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981 apud KRETZ, Lúcio in STRECK, Danilo (org.), *op. cit.* 1996.

a escola hoje

o que pode-se fazer

A maneira como a escola está organizada hoje é resultado também da organização da sociedade em que se insere. Ela não é democrática porque a sociedade em que se insere não é democrática. “Os donos do poder são também os donos do saber e os pobres são excluídos tanto da escola quanto da participação nas decisões” (CECCON; OLIVEIRA M. D.; OLIVEIRA R. D., 1982). Apesar de todas as críticas feiras, é preciso admitir que a escola já melhorou bastante em comparação com épocas anteriores, e maior parte das mudanças para melhor, como a tentativa de universalização do ensino, partiu de idéias pedagógicas que apareceram a partir dos anos 30 no Brasil.

Entretanto, a maioria das reformas por que passa o sistema educacional não passa, de reformas “de fachada” - são criados novos programas, prédios mais modernos, novos métodos de ensino, mas a essência permanece a mesma: o conhecimento é passado pelo professor “que sabe tudo” ao aluno que é “ignorante”. O aluno não se envolve e não assimila o conteúdo.

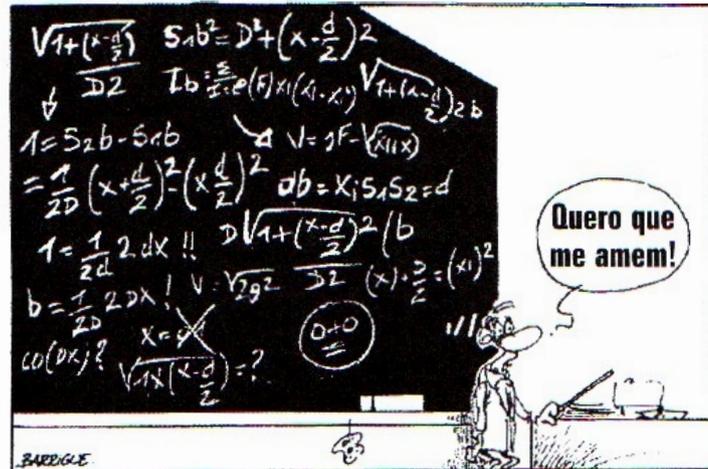
Harper (1981) explica que atentos a este quadro, muitos educadores têm tentado reformas educacionais, que estabeleçam novas relações, mais dinâmicas e autênticas, procurando desenvolver a criatividade e autonomia dos alunos, e ainda aponta algumas saídas propostas por estas pedagogias alternativas:

- Centrar a atividade escolar em torno da *atividade dos alunos*, o que baseia-se em fornecer o material necessário para que estes possam reagir ao ambiente escolar e construir, pouco a pouco, as noções próprias a seu desenvolvimento intelectual. Para que esse tipo de proposta funcione, é preciso que o educador seja bastante maleável para adaptar-se às necessidades e às formas de socialização dos alunos. Esta é a proposta da escola “ativista” proposta por M. Montessori, C. Freinet e E. Decroly, que defendem que não é o aprendizado que causa o desenvolvimento do aluno, que o desenvolvimento da criança que permite o aprendizado.

a escola hoje
 o que pode-se fazer

- Privilegiar a *evolução socioafetiva* da criança (geralmente usada de maneira complementar à concepção anterior). Piaget demonstrou que a criança vive um processo de crescimento afetivo e social que se caracteriza por uma progressão de estágios constitutivos de sua personalidade, estágios estes que ajudam a definir o seu comportamento. De acordo com esta visão, muitos conflitos e bloqueios que interferem diretamente na prática escolar são resultados da falta de sensibilidade dos educadores em relação ao amadurecimento afetivo da criança. Tanto neste como no exemplo anterior, a prática escolar é baseada nas necessidades do aluno, dos participantes do processo de formação.

- Questionar-se o *papel do professor*. Muitos professores, ao se depararem com a situação conflituosa e tensa do sistema de ensino, assumem atitudes autoritárias e democráticas devida à própria insegurança. Do lado oposto aos professores autoritários, há os professores que para serem aceitos pela classe fazem de tudo para agradar aos alunos e “ser um igual”, atitude demagógica que também só reflete a insegurança daquele que deveria ser o educador.



Fonte: A Escola de A a Z

- Valorizar os *trabalhos em grupo* e outras organizações dentro da estrutura escolar. Esta estratégia mostrou-se menos eficiente do que as anteriores uma vez que é mais difícil de ser implantada em conjunto com os programas e horários oficiais e os hábitos e ritmo já adquiridos pelos alunos acostumados com o sistema tradicional de ensino.

a escola hoje

o que pode-se fazer

- Reestruturar a relação grupo-classe na sala de aula com a chamada *pedagogia institucional*, em que os alunos se habituam com uma atitude de análise crítica de todos os elementos e acontecimentos ao experimentar a autogestão dos programas, atividades e métodos escolares. Esta linha de pensamento pedagógico tem por objetivo permitir aos alunos que organizem as tarefas que tiverem que realizar, solucionando os problemas que surgirem no caminho e, também, fazer com que aprendam a lidar com as pressões externas e a reivindicar modificações que considerarem necessárias ao sistema.

As cinco propostas pedagógicas apresentadas são muitas vezes convergentes e partem da reavaliação do papel do educando, do educador e da estrutura e organização escolar e dos limites que o sistema tradicional vem impondo ao desenvolvimento da educação. Esta análise faz-se extremamente necessária quando se pretende mudar a situação excludente em que se encontra o sistema de ensino.

Embora não seja a escola a responsável, pela transformação da sociedade, pela solução dos problemas ou pelas contradições existentes, é a partir dela que poderá ser construída uma nova consciência que leve à superação do estado de dominação e desemboque na construção de uma nova ordem social, pois, a escola não é a alavanca da transformação social, mas essa transformação não se fará sem ela. (Zientarski, 2006)

Embora não existam “receitas” para resolver os problemas da escola e da sociedade, é possível assumir posturas desconstrutivas e transformadoras da estrutura escolar mas para haver mudanças, é preciso que haja envolvimento da comunidade na escola para que possa, com um olhar mais próximo cada caso específico, perceber quais são os problemas e quais as possíveis ações a serem tomadas e em conjunto, realizá-las.

a escola hoje
o que está sendo feito

O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

No ano 1998 foi apresentado e aprovado o projeto de lei que criava o Plano Nacional de Educação, documento que segundo seu autor, o deputado Ivan Valente, contempla dimensões e problemas sociais, culturais, políticos e educacionais brasileiros, embasado nas lutas e proposições daqueles que defendem uma sociedade mais justa e igualitária. Em linhas gerais, foram estabelecidos como objetivos e prioridades:

Objetivos:

- a elevação global do nível de escolaridade da população;
- a melhoria da qualidade de ensino em todos os níveis;
- a redução das desigualdades sociais e regionais no tocante ao acesso e à permanência do aluno no ensino público;
- a democratização da gestão do ensino público, com a participação dos profissionais da educação na criação do projeto político pedagógico da escola, em conjunto com a comunidade.

Prioridades:

- Garantia de ensino fundamental obrigatório dando ao aluno condições de ingressar, permanecer e concluir este estágio de formação.
- Garantia de ensino fundamental a todos aqueles que não tiveram acesso na idade própria ou não o concluíram.
- Ampliação do atendimento nos demais níveis de ensino (infantil, médio e superior).
- Valorização dos profissionais da educação, dando mais atenção ao seu processo de formação.
- Desenvolvimento de sistemas de informação e de avaliação em todos os níveis e modalidades de ensino.

a escola hoje
 o que está sendo feito

- O ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS

Como já foi relatado anteriormente, vive-se uma situação de inchaço nas matrículas do Ensino Fundamental em decorrência do grande número de reprovações. Com o objetivo de corrigir esta distorção sem diminuir o nível da educação no país, surgiu a proposta de aumentar o tempo de ensino obrigatório para nove séries, adiantando para a idade de seis anos o início do Ensino Fundamental.

É preciso esclarecer que a mudança de oito para nove anos não se trata de transferir para as crianças de seis anos os conteúdos da tradicional primeira série, e sim conceber toda uma nova estrutura de ensino levando em conta o perfil de seus alunos. O principal objetivo do acréscimo de um ano é aumentar, também, as chances de convívio escolar, as oportunidades de aprender, e com isso, acontecer uma aprendizagem mais ampla.

As Orientações Gerais para a implementação do Ensino Fundamental de Nove Anos destaca a importância de tomar como ponto de partida a realidade brasileira e os diversos patamares desiguais e contraditórios a fim de se pensar novas políticas educativas indutoras de transformações significativas na estrutura da escola.

Um aspecto destacado como significativo para a construção de uma escola com qualidade social é a transformação na escola como *pólo irradiador de cultura e de conhecimento*, em que se procura resgatar o espaço de relações solidárias da vida comunitária que foi obscurecido com a sociedade urbano-industrial. As ações de algumas correntes pedagógicas têm transformado o entorno da escola também em escola, gestando a reconstrução daquele antigo “sentimento de comunidade”.

Justamente pela sua constituição de confluência de diversos saberes é que a escola tem reafirmada a sua vocação de ser pólo gerador e irradiador de conhecimento e cultura, contribuindo para reconstruir a organização da comunidade pelos seus próprios atores. (ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS - ORIENTAÇÕES GERAIS, 2004).

a arquitetura na pedagogia

o caso de Reggio Emilia

Os educadores da Reggio Emilia acreditam que as crianças devem sentir que toda a escola, incluindo espaço, materiais e projetos, valoriza e mantém sua interação e comunicação e não devem as salas de aula apenas representarem lugares úteis e seguros sua função está muito além disso.

Sua concepção pedagógica assume que o espaço arquitetônico planejado e o espaço maior em torno da escola, da cidade e além assumem função pedagógica juntamente com a escola em si, pois a função educativa não depende apenas da instituição escolar e sendo assim, a escola precisa estar integrada com o plano urbano. Os espaços que cercam as escolas são considerados extensões das salas de aula. As crianças são levadas para fora da escola e a comunidade é trazida para dentro das salas de aula.

Além disso, ao invés de ocuparem um espaço marginal em um bairro, eles (os edifícios escolares) precisavam ser colocados nas vistas do público e tornar-se foco da interação entre todas as pessoas conectadas com a escola. (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999)

Em suas escolas, qualquer projeto ou reforma é discutido com toda a comunidade escolar considerando todos os usuários. Tratam do espaço como um *contendor* da interação social, exploração e aprendizagem, mas também um *conteúdo educacional*, portador de mensagens educacionais, estando carregado de estímulos para a experiência interativa e a aprendizagem construtiva.

Sem nenhuma intenção de fazer escolas umas iguais as outras, cada ambiente escolar específico conta com suas peculiaridades, sempre trazendo para desenho da escola as tradições e culturas do local em que se insere e as experiências dos alunos.



a arquitetura na pedagogia

o caso de Reggio Emilia

Para estes educadores, o intercâmbio social consiste em parte essencial da aprendizagem:

O espaço é estabelecido para favorecer relacionamentos e interações dos professores, da equipe e dos pais entre eles próprios e com as crianças. Por exemplo, os adultos podem reunir-se, trabalhar em grupos pequenos ou grandes, discutir problemas e lanchar juntos dentro da escola. O bem estar dos adultos que trabalham nas escolas e a confiança dos pais, que confiam seus filhos à escola antes de se dedicarem às atividades são essenciais para que o projeto educacional funcione. (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999)

Alguns dos principais aspectos construtivos que diferenciam as escolas da Reggio Emilia das arquiteturas escolares tradicionais é a presença na maioria delas de uma praça central, que organiza as atividades no edifício, um grande ateliê, com uma *atelierista*, para ser usado por todos os alunos. Nenhum espaço é tratado como “marginal”, todos os detalhes, da sala de aula aos banheiros, são pensados de forma a estimular o aprendizado, buscando-se sempre trabalhar com matérias não-convencionais. Diversos espaços para encontros menores também são criados, como os mini-ateliês. Paredes de vidro foram incorporadas ao projeto, fugindo da idéia padrão da escola tradicional de evitar relações visuais com o exterior.

O espaço é considerado o *terceiro educador* juntamente com a equipe de dois professores e para que possa funcionar como um educador, o espaço precisa ser flexível, moldável às diversas fases de desenvolvimento da criança. Admitem o espaço não como elemento cognitivo passivo, e sim como elemento que condiciona e é condicionado pelas ações dos indivíduos que vivem nele.